

# Apresentação

O presente volume da revista *Analytica* reúne artigos que tratam, em diversos autores e sob múltiplos enfoques, das relações existentes entre as noções de essência, identidade e definição.

No artigo de abertura, Marco Zingano se dedica a examinar a posição de Aristóteles em *Metafísica Z 6 1031a19-28* acerca da existência ou não de uma relação de identidade entre uma coisa e ser esta coisa para o caso específico dos itens ditos por acidente (tais como *homem branco*). Em sua análise desta passagem, Zingano propõe uma interpretação alternativa segundo a qual o que é negado quanto à identidade entre uma coisa e ser esta coisa neste caso específico é apenas a identidade irrestrita ou plena, mas não todo e qualquer tipo de identidade. Segundo esta interpretação, Aristóteles não quer provar que  $x$  e  $\text{ser-}x$  são *distintos* no caso dos itens ditos por acidente, mas sim que devemos reconhecer *tipos distintos de identidade*, e que, no caso em questão, vale um tipo restrito de identidade, a saber, a identidade por acidente. O valor hermenêutico da distinção proposta entre tipos de identidade é ressaltado, ao final do artigo, mediante o uso que dela é feito na elucidação do problema científico da definição do sangue, discutido por Aristóteles em *De partibus animalium* II 3.

O segundo artigo, de Lucas Angioni, também nos brinda com uma análise de Aristóteles e do que ele pretende dizer em *Metafísica Z 6* ao discutir se cada coisa é idêntica à sua essência. Angioni examina os argumentos de Aristóteles tanto acerca de compostos acidentais (1031a19-28) quanto acerca de coisas *per se* (1031a8-1032a4), com o intuito de defender uma interpretação deflacionária deste capítulo. Trata-se de mostrar que *Z 6* se situa inteiramente em um

“ponto de vista lógico” segundo o qual a identidade deve ser entendida apenas em termos de coextensão entre *definiendum* e *definiens*. Este ponto de vista oferece uma discussão preliminar de algumas características lógicas e formais das essências, deixando de lado o exame de questões mais específicas de natureza metafísica. Angioni mostra ainda como Aristóteles responde neste capítulo à objeção de origem platônica acerca da incompatibilidade que haveria entre a existência de uma relação de coextensão entre *definiendum* e *definiens* e o poder explanatório atribuído às definições.

Com o terceiro artigo, Rodrigo Guerizoli nos conduz ao exame de certos aspectos da relação entre hilemorfismo, essência e definição em autores-chave dos séculos XIII e XIV. Guerizoli concentra sua investigação em dois traços daquela relação. Em um primeiro momento, sua análise parte das coisas em direção às suas definições e explora as possibilidades que marcam certas tentativas medievais de se enxergar na estrutura composta das definições um correlato da estrutura composta dos entes materiais. Em um segundo momento, a direção da investigação é invertida e, partindo das partes das definições em direção às coisas, o autor se debruça sobre a discussão de algumas estratégias que pretendem fixar o modo como a complexidade das definições se refere à complexidade dos compostos hilemórficos aos quais reenviam. Em cada etapa do percurso Guerizoli procura delimitar os terrenos teóricos comuns e as zonas de conflito entre os interlocutores em jogo neste período, de modo a evidenciar a diversidade das visões que se enfrentam no esforço para elucidar as relações entre a complexidade das coisas e nossas possibilidades de apreendê-las.

A contribuição seguinte, de Cristiano Rezende, é consagrada à reconstrução de alguns nexos históricos e conceituais que vinculam a teoria aristotélica da definição triádica à teoria da definição genética elaborada por Espinosa no *Tractatus de Intellectus Emendatione*. Em sua reconstrução desta complexa articulação histórico-conceitual, Rezende destaca a importância capital exercida pela interpretação de Zabarella das relações entre definição e demonstração no aristotelismo. A tese central que o artigo procura defender é que, apesar da crítica de Espinosa à definição aristotélica por gênero e diferença específica formulada nos *Cogitata*, o paradigma genético que Espinosa lhe contrapõe no *De Emendatione* ainda permanece devedor do aristotelismo, pois tem sua origem na teoria da definição triádica (de caráter explicativo e não apenas classificatório) apresentada por Aristóteles nos *Analíticos Posteriores* II, 8-10.

No quinto artigo, Edgar Marques nos apresenta uma análise crítica da solução proposta por Couturat para o problema da contingência em Leibniz, e sugere os elementos de uma solução alternativa. Segundo a interpretação de Couturat, a raiz da contingência se encontra na singularidade. Marques refuta esta tese ao mostrar que ela implica duas sub-teses insustentáveis no interior da metafísica de Leibniz, a saber: (1) que não há prova *a priori* de nenhuma proposição que expresse a atribuição de um predicado a um indivíduo; (2) que são contingentes todas as proposições acerca de indivíduos possíveis. À luz das críticas dirigidas a estas sub-teses, Marques sugere as linhas gerais de sua solução alternativa, fundando a distinção entre proposições contingentes e necessárias nos tipos de inclusão existentes entre o sujeito e o predicado destas proposições, bem como na distinção entre os predicados que descrevem propriedades transitórias dos indivíduos e aqueles que descrevem suas propriedades permanentes.

No artigo seguinte, Ludovic Soutif discute uma concepção dos pensamentos *de re* inspirada na teoria de Russell. Segundo esta concepção, um pensamento é acerca de uma coisa (*res*), em vez de ser uma mera caracterização dela, se e somente se: (1) ele for constitutivamente ligado, se não à existência, ao menos à identidade do objeto; (2) o pensador souber qual/quem é o objeto do seu pensamento. A validade desta concepção, no entanto, é atacada a partir da existência de casos corriqueiros de equívoco na identificação de um objeto e de confusão substancial por parte do sujeito. Soutif analisa as motivações desta concepção e a defende em sua integridade, mostrando que ela é capaz de acomodar os casos de identidade equivocada e de superar as limitações que lhe são impostas pelos defensores da imagem do pensamento *de re* como composto de dois ingredientes e pelos anti-essencialistas.

Em sua contribuição ao volume, Guido Imaguire apresenta dois argumentos contra o essencialismo tradicional. O primeiro argumento é baseado no relativismo conceitual de estilo Goodmaniano, e pretende exemplificar a possibilidade de variações classificatórias de um mesmo objeto. O segundo é um argumento delineado para mostrar que o objeto, mesmo se referido por meio de um nome próprio, não é destituído de determinações qualitativas. Com estes argumentos, Imaguire não pretende rejeitar a tese geral de que objetos têm propriedades essenciais não triviais, mas sim defender que os objetos têm propriedades não triviais de modo essencial apenas em virtude do fato de exemplificarem algumas propriedades sortais. Seu intuito, assim, é propor uma versão criticamente qualificada do novo essencialismo, a fim de evitar concepções ontologicamente ingênuas.

No oitavo artigo, Marco Ruffino examina alguns aspectos do chamado “Problema de Frege”, formulado originalmente para explicar a diferença de valor cognitivo entre sentenças de identidade da forma ‘ $a=a$ ’ e ‘ $a=b$ ’, nos casos em que ‘ $a$ ’ e ‘ $b$ ’ são co-referenciais. Após formular este problema em sua máxima generalidade, de modo a abarcar qualquer tipo de sentença que inclua termos singulares, Ruffino mostra como tanto a formulação do problema quanto a solução proposta por Frege são bastante problemáticas. Em seguida, seu artigo examina uma abordagem alternativa oferecida pelas teses de Kaplan e Kripke, segundo as quais identidades expressam proposições necessárias que podem ser conhecidas *a posteriori*, e argumenta como os exemplos de Kripke de verdades necessárias *a posteriori* podem resistir às objeções formuladas por Casullo.

Por fim, o volume conclui com a publicação da primeira tradução em português da totalidade dos textos de Descartes sobre a tese da livre criação das verdades eternas, precedida de uma apresentação redigida pelo tradutor, Marcos Gleizer. Como salienta Gleizer em sua apresentação, esta tese heterodoxa levanta importantes questões acerca do estatuto ontológico, lógico e epistemológico que as essências e as verdades necessárias adquirem no pensamento de Descartes, e suscita intensos debates acerca de sua compatibilidade com outras teses centrais do projeto cartesiano. Ao tornar estes textos disponíveis ao leitor de língua portuguesa, a revista *Analytica* pretende contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre um tema da filosofia de Descartes ainda pouco explorado entre nós.

*Edgar da Rocha Marques*

*Marcos André Gleizer*

*Organizadores*